



UNICENTRO

Universidade Estadual do Centro-Oeste
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL UAB
CURSO DE PEDAGOGIA - POLO APUCARANA- UAB

A TECNOLOGIA E O USO DA LETRA CURSIVA

CASTRO, Vânia Teixeira de¹ - UNICENTRO/PR

LUZ, Káite Zilá Wrobel² - UNICENTRO/PR

RESUMO

O presente artigo aborda a importância do aprendizado da letra cursiva para o processo de alfabetização dos estudantes, o modo como estimula o desenvolvimento de algumas habilidades passam a surgir quando o aluno emprega essa técnica de escrita. O objetivo é compreender o que é a letra cursiva e quais as dificuldades que os alunos possuem. A metodologia usada para a escolha do presente tema foi à pesquisa de cunho bibliográfico, contando com autores que trabalham com o público infantil e possuem como meta principal identificar o panorama de aprendizado dos alunos que se encontram em sua sala de aula. Entre os autores balizadores estão Barrucho (2011), sobre o uso da letra cursiva. Em relação a alfabetização Soares (2012) e em Moraes (2012) a importância do letramento em consonância com a alfabetização. O artigo visa contribuir para demonstrar o que é a letra cursiva e como a mesma representa uma ferramenta de extrema importância para os aprendentes por mais que existam muitos educadores que acreditem que a escrita cursiva não deva mais ser ofertada, até por se tratar de uma tendência em alguns países europeus e nos Estados Unidos. Dessa forma, para alcançar os objetivos propostos, organizou-se o artigo em três momentos, a letra cursiva: apontamentos iniciais, a alfabetização e a letra cursiva, e a apropriação da linguagem escrita e a letra cursiva no cotidiano escolar. Nas considerações finais, os leitores podem visualizar o que é benéfico para a formação dos educandos e como a letra cursiva possui um papel de relevância nesse sentido, bem como não se pode antecipar o processo de escrita de modo cursivo antes que o aluno obtenha experiências com outros materiais que posteriormente facilitem essa prática.

¹ *Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste-UNICENTRO. Licenciada em Matemática pelo Centro Universitário de Maringá - Unicesumar. Pós graduada em Gestão Educacional, pelo Centro Universitário de Maringá - Unicesumar. Professora de Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental há 9 anos pela rede pública do município de Apucarana/PR. vania.392@gmail.com*

² *Doutoranda em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná. Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG, Licenciada em História e Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG. Professora alfabetizadora, com experiência de 23 anos de docência: anos iniciais, anos finais do ensino fundamental, formação docente e no ensino superior. kaiteangelo@hotmail.com*

Palavras-chave: Alfabetização. Letra. Formação. Escrita.

INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda a importância do aprendizado da letra cursiva para o processo de alfabetização dos estudantes. Visa contribuir para que um número mais elevado de pessoas passe a ter conhecimento sobre o que é a letra cursiva e como a mesma representa uma ferramenta de extrema importância para os aprendentes, assim como os educadores podem incentivar os educandos a escreverem de maneira cursiva se assim desejarem.

O objetivo central da pesquisa é compreender a importância da letra cursiva para o processo de alfabetização e quais as dificuldades encontradas pelos alunos para o desenvolvimento da referida habilidade da escrita.

Com os avanços tecnológicos observa-se que a letra cursiva possa cair em desuso, e que isso vem contribuindo para que esse letramento seja questionado, nesse sentido, é preciso promover a discussão sobre a contribuição do uso da escrita cursiva para o ensino-aprendizagem. Dessa forma, a adequação do ensino e da aprendizagem da letra cursiva, encaminha a reflexão crítica sobre as possíveis relações/implicações que esse conteúdo pode trazer de possibilidades para o quadro educacional.

Quando se fala em recursos tecnológicos na educação, trata-se de uma forma de dinamizar o processo de ensino, tanto que vem sendo deixada de lado em alguns lugares o uso da letra cursiva, onde a educação apresenta um nível de proficiência maior, como observa-se a seguir,

O fim da letra cursiva foi recomendado pelo Common Core Stated Standards (CCSS), instância que compreende uma ação conjunta entre estados norte-americanos, a qual é formada por docentes, especialistas, pais e por administradores escolares. A partir de 2012 as escolas americanas foram autorizadas a abandonar o ensino da letra cursiva para concentrarem-se em “áreas mais importantes”, como define o Departamento de Educação americano (LEU; KINZER, 2015, p. 55).

Nesse panorama pode-se observar que instituições que já apresentam uma longa trajetória, ou seja, um histórico na educação, acreditam que existem conteúdos mais importantes do que a letra cursiva.

A metodologia proposta para o desenvolvimento da temática é de cunho

bibliográfico, sendo assim, utilizar-se-á de pesquisas, artigos científicos selecionados em plataformas de base de dados, como também publicações e obras de autores renomados que discutem a questão do desenvolvimento da habilidade da escrita cursiva, os quais contribuem com o referido artigo.

No Brasil não existe legislação que obrigue o uso da letra cursiva nem seu ensino ou aprendizagem. Não existe nada que determine que o sujeito deva usar esse tipo de letra nem em sua assinatura. No entanto, em alguns Estados do país, pessoas são impedidas de fazer documentos de identidade se não souberem assinar o seu nome com letra cursiva, e alunos são reprovados por não saber escrever com esse tipo de caligrafia. Essas ações não estão protegidas por tipo algum de lei, no entanto muitos as obedecem sem questionar sequer os seus motivos (SCHWARTZ, 2009).

Com efeito justifica-se a escolha do presente tema, na necessidade de valorizar a escrita cursiva, que não se trata de algo que deva ser considerado como um recurso pedagógico em desuso, e que apresenta diversas contribuições para o aprendizado dos estudantes, e de diversos valores, como a conquista do raciocínio lógico, da coordenação motora, perspectivas de extrema importância quando se pensa na formação plena dos estudantes (JOLIBERT, 2006).

A fundamentação teórica aponta alguns fatores relevantes em relação ao processo de alfabetização, como, por exemplo, as dificuldades de aprendizagem, a junção das letras, os grafemas, enfim, características do alunado em processo de aprendizagem e acima de tudo a influência da tecnologia na forma como os seres humanos vem se comunicando, inclusive, na escrita.

Nas considerações finais, os leitores podem visualizar o que é benéfico para a formação dos educandos e como a letra cursiva possui um papel de relevância nesse sentido, bem como não se pode antecipar o processo de escrita e também como a escrita cursiva deve ocorrer após a primeira etapa do processo de alfabetização.

O fato é que nem sempre é possível para o educador atuante no ensino fundamental anos iniciais manter uma única forma de escrita, como é o caso do formato da letra cursiva. Alguns alunos optam por escrever em letra de forma, ou seja, separadas, e se realmente estão aprendendo o conteúdo, não existe

grande problema nisso.

1 Letra Cursiva: apontamentos iniciais

A linguagem escrita é marca constitutiva e característica da espécie humana, é o processo de alfabetização e letramento que ensina as habilidades complexas e multifacetadas da leitura e escrita que são vistas como uma necessidade do mundo atual para as crianças (JOLIBERT, 2006).

Em relação à letra cursiva, trata-se de um tema que realmente vem levantando algumas contendas em relação à educação nacional, principalmente em relação ao plano de ação que os educadores possuem em prol da alfabetização, ou seja, de que maneira os educandos podem e devem escrever de maneira qualificada (ROJO, 1998).

A letra cursiva precisa e pode ser uma opção ofertada pelos educadores, no entanto, as pessoas desenvolvem novas formas de comunicação, ou seja, o modelo de vida em sociedade exige uma interatividade e um dinamismo maior, por essa razão, diminui-se gradualmente o uso dessa forma de escrita.

Atualmente os educadores vêm dividindo opiniões em relação ao uso da letra cursiva, quando na realidade o mais importante é que o estudante consiga desenvolver um processo de aprendizado de modo proficiente e que se ajuste as suas necessidades.

No momento em que a criança está descobrindo as letras e suas correspondências com fonemas, é importante que cada letra mantenha sua individualidade, o que não acontece com a escrita 'emendada' que é a cursiva; daí o uso exclusivo da letra de imprensa, cujos traços são mais fáceis para a criança grafar, na fase em que ainda está desenvolvendo suas habilidades motoras (ROJO, 1998).

De uma maneira geral, nem sempre o educador atual se preocupa muito com o modelo da letra do estudante, desde que isso não seja um fator que atrapalhe a sua compreensão, afinal de contas, o letramento em momento algum deixa de ser considerado como uma maneira de se comunicar, e principalmente de o docente avaliar se o seu alunado realmente está conseguindo aprender (PICCOLI, 2012).

A falta de uma preocupação maior com o formato da letra por parte de

alguns educadores, é um problema que necessita ser abordado de maneira mais clara e enriquecedora, claro que o léxico, ou seja, a beleza da letra do estudante não pode ser considerada como um parâmetro para que o aluno seja ou não aprovado, ou ainda que influencie em sua nota, todavia, pode prejudicar a ótica que o educador possui em relação a sua aprendizagem (RIOS; LIBÂNEO, 2009).

Acima de tudo quando se trata do ato de aprender a formação das palavras, a letra cursiva é um método de tornar o processo de alfabetização muito mais enriquecedor para os estudantes dos anos iniciais de ensino fundamental, razão pelas quais alguns educadores o empregam com maior intensidade (HALL, 2000).

A escola pública brasileira recebe crianças cada vez mais desprovidas de habilidades básicas para o desenvolvimento neuropsicomotor. Ensinar letra cursiva despende tempo, o qual é precioso para ajudar essas crianças a adquirirem uma base alfabética sólida, que garanta o letramento, despende em sala de aula um tempo para ensinar a letra cursiva, como aprendemos, não é viável. Precisamos erradicar o analfabetismo, formar cidadãos capazes de discernir falsos cientistas, políticos, jornalistas, enfim, que usem de recursos tecnológicos que contribuam para seu crescimento. A letra cursiva hoje é Arte, não precisa ensinar uma criança a usá-la, precisamos ensiná-la a entender se será necessária para sua vida ou não (RIOS; LIBÂNEO, 2009, p. 45).

Uma comunicação de qualidade é o que fomenta uma grande possibilidade de desenvolvimento cognitivo, e por essa razão, a leitura qualificada e a escrita representam fatores de extrema importância para o pleno desenvolvimento do potencial intelectual que todos os educandos apresentam.

A falta de uma letra cursiva, por exemplo, não pode ser considerada como uma incompetência dos professores, nem do nível intelectual do aluno, mas sim de todo um sistema em que estamos vivenciando, pois, nossas crianças já não brincam mais como antes, assim, deixam de desenvolver suas habilidades motoras.

Dessa maneira é possível observar que a letra cursiva pode contribuir para uma alfabetização mais qualificada, uma vez que, coloca em prática a necessidade de escrever, de uma maneira correta, sem abreviações e reproduzindo de maneira fidedigna as palavras como estão sendo transmitidas pelos educadores, o aluno torna-se um ser autônomo na construção de seu

conhecimento.

O melhor é que a letra cursiva seja inserida, no processo de aprendizagem, após a primeira etapa de alfabetização. Desse modo, elas podem se concentrar nas curvas e desenhos das letras, sem se preocuparem tanto com a construção de palavras (PÍCCOLI, 2012).

Cagliari (1993) enfatiza que a alfabetização era tida como a aprendizagem da leitura e da escrita. Sendo assim, evidencia-se a complexidade do conceito, e deve levar também à compreensão do que se lê ou escreve. A alfabetização vai além de ler e escrever, deve levar a compreensão da sociedade, passando a usar essa prática na nossa realidade, ou seja, ser alfabetizado significa distinguir, decifrar os símbolos e ser capaz de escrevê-los, buscando a interação entre o meio social ao qual encontra-se inserido.

A relação da letra cursiva como auxiliar na compreensão da sociedade se deve a forma de comunicação com os demais, ao entendimento e compreensão, ao modo de colocar em prática o conhecimento, daquilo que adquiriu em seu período escolar e em suas relações com os demais que se encontram a sua volta.

Entretanto, antes de o educador infantil fornecer a letra cursiva, é de extrema importância que as crianças tenham conhecimento do alfabeto, e claro, da possibilidade de formarem palavras, um processo amplamente gradual, mas, que apresenta grande importância para o sucesso no processo de ensino e aprendizagem (FERNANDES, 2010).

Fato é que existe a necessidade de se fazer com que o alunado e até mesmo um número maior de docentes, passe a conhecer de maneira mais intensa os benefícios que a letra cursiva possui para a alfabetização dos alunos.

A letra cursiva é utilizada na escola sem reflexão crítica sobre a necessidade de adequação desse uso em confronto com a realidade cultural do século XXI, esse é o principal problema para o seu fortalecimento (COLELLO, 2007).

Sendo assim, uma contribuição efetiva da letra cursiva, é a possibilidade de a criança conectar o pensamento a escrita. A letra cursiva, ao comprovar maior velocidade à escrita, favorece a concentração, o foco, e auxilia na

produção de textos mais coesos e enriquecedores, inclusive, em relação à expansão de seu vocabulário (BARRUCHO, 2011).

É preciso aproveitar o fato de as crianças conseguirem aprofundar seus conhecimentos com maior facilidade, quando o educador consegue promover associação e prática, ou seja, quando o alunado sabe o que está sendo escrito e relacionar o mesmo com seu real significado.

As salas de aula nos anos iniciais do ensino fundamental, possuem uma característica totalmente peculiar, que é o fato de serem projetadas, pensadas e organizadas para a alfabetização dos alunos, além dos muitos exemplos que podem ser vistos pela classe toda, inclusive, de palavras que são escritas através das letras cursadas.

O aprendizado da escrita cursiva desenvolve a disciplina e contribui para a autoestima do estudante. O processo de aprendizagem em dominar a escrita cursiva, acaba envolvendo imitação de modelos, repetição e persistência. A criança que, aos poucos, conquista a habilidade necessária para dominar a escrita cursiva experimenta uma sensação de capacidade, de ter passado a outro nível (FERNANDES, 2010, p. 29).

Dessa forma, constata-se por exemplo, o fato de que são necessários muitos desenhos para que as crianças consigam relacionar as letras com objetos e ou animais que as mesmas conheçam, uma ferramenta de extrema importância, uma vez que, as crianças aprendem por interação, ou seja, uma articulação com as experiências que já possuem, com o conhecimento que já desenvolveram.

Os níveis de desenvolvimento dependem muito da maturação das crianças, ou seja, o tempo que o cérebro leva para processar novas informações, sem deixar de utilizar as que já se encontram armazenadas.

O aprendizado na escrita cursiva também acentua uma melhora a coordenação motora fina dos estudantes, o traçado da letra cursiva recruta habilidades sensoriais, noções de orientação espacial, ajuda a criança a “treinar” a mão para a execução dos movimentos corretos etc. (CARVALHO, 2008).

É necessário fazer com que a criança primeiro domine o lápis, para assim traçar retas na horizontal, na vertical e na diagonal, fazendo todos os traços que depois serão sintetizados a fim de formar as letras, em outras

palavras, existe um longo caminho até que as letras cursivas sejam reproduzidas pelos estudantes, a conexão cognitiva se embasa na facilidade de o educando processar as informações.

De maneira gradual, com a repetição de palavras, é esperado que as crianças consigam um aprendizado mais proficiente, ou seja, pela maneira como o alunado passa a identificar mais palavras, e claro, conseguir pronunciar as mesmas com uma qualidade maior.

2. A alfabetização e a letra cursiva

É usual pensar de início o processo de ensino e aprendizagem focado na repetitividade, até para que as crianças tenham uma real oportunidade de ampliarem seu potencial (HALL, 2000).

Contudo, alfabetizar é propiciar condições para que o indivíduo-criança conquiste autonomia também, e assim tenha acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, enquanto habilidade de decodificação e codificação do sistema de escrita, mas, sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita em todas as funções em que ela tem em nossa sociedade, também como instrumento de luta pela conquista da cidadania (SOARES, 2012).

Por essa razão, não basta que as crianças aprendam o conteúdo, se os mesmos não sabem como interpretar as informações em outros momentos, em suas vivências e experiências sociais, ainda que a estratégia organizada seja a de alfabetizar o alunado, o objetivo de ampliação do conhecimento sempre está implícito.

A escrita cursiva favorece a concentração, o foco, e auxilia na produção de textos mais coesos. Estudos realizados mostram que redações escritas com letra cursiva tendem a obter notas maiores do que as escritas com letra bastão. Embora isso não signifique que uma pessoa que prefira a letra de fôrma não possa produzir textos coesos, a maior eficiência proporcionada pela letra cursiva é, sem dúvida, um ponto a seu favor.

Toda a criança já possui um conhecimento prévio que é utilizado a todo o momento na escola, nas relações interpessoais, e também na tentativa de aproximação com as outras pessoas que se encontram a sua volta, e uma

ferramenta que é usada de maneira ampla pelos educadores infantis (KLEIMAN, 1995).

Atualmente, temos que o processo alfabetizador está cada vez mais decaindo seus índices, e pesquisas no ramo educacional apontam as inúmeras adversidades que o professor alfabetizador encontra nos dias atuais para ter uma eficácia nesse processo.

Cada vez mais se investe no processo de formação dos estudantes, principalmente para que sua base educacional inicial seja mais sólida, o que dará ao aluno a possibilidade de expandir o seu conhecimento de maneira mais ampla, inclusive, com maior autonomia.

Com relação às propostas atuais de educação escolar, que enfatiza o caráter simbólico da escrita, a escrita é entendida como um sistema de signos, cuja essência se situa no significado subjacente, o qual é determinado histórico e socialmente (KUNZE, 2011, p. 54).

Outro aspecto que a autora explicita é que a alfabetização escolar é um processo multideterminado, ou seja, o seu desenvolvimento depende da contribuição de diversas áreas do conhecimento, como a psicologia e dos recursos que se dispõe para que esse processo ocorra (KUNZE, 2011).

O ensino e o aprendizado de uma tecnologia de representação da linguagem humana, a escrita alfabético-ortográfica. O domínio dessa tecnologia envolve um conjunto de conhecimentos e procedimentos relacionados tanto ao funcionamento desse sistema de representação quanto às capacidades motoras e cognitivas para manipular os instrumentos e equipamentos de escrita (KUNZE, 2011, p. 55).

Trata-se de um conjunto de fatores que necessitam funcionar de maneira harmônica, para que o alunado aprenda de modo eficaz, e que realmente demonstre uma prática de aprendizagem mais dinâmica e que se ajuste as necessidades que os estudantes apresentam.

Toma-se por aqui, que a alfabetização em seu sentido próprio, é o processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita, sendo o domínio da habilidade “mecânica” da linguagem oral e escrita (FÁRACO, 2012).

Mas para atender as demandas da sociedade atual, é necessário que as

peessoas sejam alfabetizadas e letradas, uma vez que o processo de letramento consiste no conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidas no uso da língua em práticas sociais e necessários para uma participação ativa e competente na cultura escrita (SOARES, 2005).

Assim uma pessoa devidamente letrada é aquela que consegue com autonomia usar a leitura e a escrita para exercer uma prática social em que a escrita é necessária.

A cultura tem sentido e significado para os sujeitos ao oportunizar a construção de pontes entre ela e a vida, em meio ao dia a dia das pessoas, e a letra cursiva realmente contribui de maneira efetiva com esse propósito, facilitando a alfabetização e o letramento qualificado (SOARES, 2005).

Caso não haja um processo de alfabetização e letramento de qualidade, o que se pode esperar é uma queda vertiginosa, inclusive, na qualidade de vida desses indivíduos, que passam a apresentar inúmeras dificuldades para o acesso a informações e serviços que são fundamentais para o seu desenvolvimento educacional, cultural e social (VAL, 2006).

Para esclarecer esses dois termos Soares (2005) destaca que uma pessoa pode ser alfabetizada e não ser letrada: sabe ler e escrever, mas não cultiva nem exerce práticas de leitura e de escrita, não lê livros, jornais, revistas, ou não é capaz de interpretar um texto lido; tem dificuldades para escrever uma carta, até um telegrama.

Isso ocorre principalmente quando não existe o estímulo ao aprendizado também nos anos iniciais do ensino fundamental, essa é uma questão que também merece uma reflexão mais profícua, entender como a formação dos alunos sofre uma queda vertiginosa de qualidade quando o estudante passa da educação infantil para as outras etapas do processo de formação (VAL, 2006).

Trata-se de um dos principais problemas que necessita ser combatido na educação brasileira, a maneira como realmente o ensino fundamental muda completamente a maneira como os estudantes têm acesso ao conteúdo, bem como a apropriação do conhecimento em si.

Em outras palavras, o aprendizado se torna muito mais metódico, usual e pragmático, ou seja, os educandos são estimulados a absorver um mínimo de conteúdo, e isso de uma única maneira, o que torna o desenvolvimento cognitivo menos intenso do que poderia, de modo que a letra cursiva

representa um estímulo maior ao processo de ensino e aprendizagem.

Não há mais o estímulo a leitura, em um momento em que os estudantes já possuem um embasamento cognitivo elevado dos anos iniciais, ou seja, já conseguem ler e interpretar informações com maior propriedade, algo que deveria obter uma sequência no ensino fundamental, o que não acontece, representando uma falha clamorosa na educação nacional (MORAIS, 2012).

Existem diversos fatores que podem ser elencados, como a quantidade elevada de conteúdos para os educandos aprenderem, a variação de matérias e claro, a escassez de recursos existentes para a preparação de aulas mais enriquecedoras.

Morais (2012) argumenta que, para compreender o sistema de escrita alfabética, a criança precisa responder duas questões: 1) o que as letras representam, notam ou substituem; 2) como as letras criam essas representações ou notações. Cada hipótese formulada seria uma tentativa de responder a essas questões.

Nesse sentido, na etapa pré-silábica, a criança não descobriu ainda que as letras representam a pauta sonora das palavras. Elas também respondem a segunda questão de formas muito variadas, indo desde desenhos até as letras convencionais.

Escrever e ler são ações que o sujeito desenvolve sobre a linguagem e a escrita. Ao escrever, o autor volta-se ao próprio pensamento, organizando-o mentalmente, sistematizando-o. Nesse sentido, a escrita é muito mais do que a representação gráfica de um código que está presente de diferentes formas, desde o que diz respeito à preservação de documentos e da memória coletiva, em meio à circulação permanente de informação, ao acúmulo, conservação e partilha de conhecimento, favorecendo o intercâmbio e a interação (CARVALHO, 2008, p. 44).

O ato de escrever fisicamente em cursiva aumenta a compreensão e participação do aluno em relação aos textos que lê e escreve. O fato de a letra cursiva ter detalhes como segmentação clara entre as palavras, uso de letras maiúsculas e minúsculas, delonga no movimento, por ter maiores detalhes do seu design, criam uma interação que ainda não é possível quando utilizada a letra bastão ou a letra imprensa, ou até mesmo quando usamos de recursos como digitar (SOARES, 2012).

Trata-se de uma prática que deve ser incentivada, a repetição de uma mesma atividade, contribui muito para que os alunos possam afixar melhor o conteúdo, e por consequência, uma aprendizagem mais sistematizada é desenvolvida.

Difícil é imaginar como se pode concretizar um nível de aprendizagem mais proficiente, sem a utilização da língua cursiva, ou seja, a formação de uma dinâmica que realmente promova a interação entre as crianças e o conhecimento que deve ser adquirido.

3. A apropriação da linguagem escrita e a letra cursiva no cotidiano escolar

Muito se debate na educação brasileira a maneira de se promover um aprendizado mais sistematizado em relação à linguagem escrita, bem como suas principais formas de aplicação, e claro, se os educandos conseguem apresentar um desempenho que possa ser considerado como satisfatório (FERNANDES, 2010).

Faraco (2012) aponta que a criança mesmo antes de adentrar na escola, já tem contato com diversos materiais escritos, desta forma os métodos de alfabetização devem considerar tais conhecimentos prévios. É, pois, necessário recriar estratégias, alternativas didático-metodológicas que visem uma nova forma de ver e entender o mundo através da leitura e produção de textos, a fim de que se formem sujeitos críticos e leitores conscientes.

Os educadores da modalidade dos anos iniciais são responsáveis pela mediação entre a cultura e o conhecimento, e nesse sentido, devem ofertar aos alunos uma gama de possibilidades para que os mesmos tenham a chance de aprofundarem o seu aprendizado em sala de aula (FARACO, 2012).

O incentivo à leitura e a escrita são ferramentas muito importantes, o professor nesse momento, tem a oportunidade de avaliar o seu estudante de uma maneira muito mais enriquecida e plena, isso é fundamental para que o próprio profissional tenha uma real oportunidade de trabalhar.

É fundamental que os estudantes passem a se acostumar com a prática, e não simplesmente visualizar o conteúdo da maneira que o educador disponibiliza, ou seja, serem alunos realmente participativos, para que o conhecimento possa ser obtido de modo mais eficaz que é a meta de todo

processo de formação.

De maneira que os educadores infantis realmente trabalham com a meta de promoverem uma formação educacional mais enriquecedora, preparando seus alunos para as próximas etapas do processo de formação, ou seja, para o ensino fundamental.

Hoje, os grandes objetivos da Educação são: ensinar a aprender, ensinar a fazer, ensinar a ser, ensinar a conviver em paz, desenvolver a inteligência e ensinar a transformar informações em conhecimento. Para atingir esses objetivos, o trabalho de alfabetização precisa desenvolver o letramento. O letramento é entendido como produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia (FERNANDES, 2010, p.19).

A citação acima demonstra de maneira muito clara o que é a associação dos objetivos que as instituições de ensino possuem com a formação dos educandos no ponto de vista social, ou seja, do seu preparo para a vivência em sociedade.

Ferreiro e Teberosky (1986) buscaram em seus estudos, a compreensão do processo de aquisição da linguagem escrita, no qual a criança precisa compreender o processo de escrita em suas totalidades. Tais investigações possibilitaram uma maior compreensão acerca da participação da criança nesse processo, tornando possível uma aplicação de atividades direcionadas a cada nível, para que dessa forma, o aprendizado seja otimizado.

A criança necessita ser desafiada, esse é o ponto, necessita que os professores estejam a todo o momento citando o potencial que possuem, e ao mesmo tempo, tenham a oportunidade de trabalharem com conteúdos mais complexos à medida que vão apresentando desenvolvimento.

Com o passar do tempo, os educadores infantis tem a oportunidade de detectarem aqueles estudantes que apresentam uma dificuldade maior em relação à apropriação do conhecimento, ou seja, que se esquecem do conteúdo com maior facilidade.

Ao propor tarefas como a escrita do texto, é plenamente visível os alunos que não conseguem articular ideias, mesmo que apresente alguns erros de gramática, o que é muito comum, é fundamental que haja coesão no teor da escrita (BARDIN, 2011).

Em conformidade com Soares (2005), o acesso ao mundo da escrita se dá por meio de dois caminhos indissociáveis: um é o da técnica, pois é preciso que a criança note que os grafemas e fonemas estão relacionados, além das formas de escrita, o outro caminho é o desenvolvimento das práticas de uso dessa técnica.

O educador necessita ofertar essas técnicas de ensino de modo que a criança seja capaz de compreender o que está sendo realizado, e mais do que isso, interpretar corretamente as informações que estão sendo prestadas na atividade.

Em nada adianta saber a técnica se o aluno não tiver condições de pô-la em prática, sendo assim, é preciso que o aprendizado da leitura e da escrita se dê por meio de um contato direto com diversos tipos de textos para que assim o aluno possa aprender a utilizar a língua nas mais diversas esferas sociais nas quais a mesma está inserida.

Sabe-se que para alfabetizar letrando o educando o professor deve realizar um trabalho social com a intenção de desenvolver atividades pedagógicas que busquem aproveitar a vivência do aluno e também é necessário que o docente tenha sensibilização para melhor ajudar o educando no processo de alfabetização e letramento (BARDIN, 2011, p. 45).

Inclusive, repassando atividades que a turma apresente capacidade de realizar, sem que haja muito espaço para que os alunos permaneçam mais tempo sanando suas dúvidas, em outras palavras, apenas nos momentos corretos a difusão do conteúdo pode apresentar uma complexidade maior.

Ainda nessa linha de pensamento Moraes (1998) enfatiza que, se queremos alfabetizar numa perspectiva de letramento, devemos proporcionar sistematicamente a apropriação da notação da escrita e do seu uso social real pela criança a fim de garantir que se tornem autonomamente letradas, exercitando a capacidade de ler e escrever textos com as características e finalidades que as pessoas letradas utilizam em nossa sociedade.

Não há como deixar de citar um lado negativo ou desarticulador do processo de aprendizagem que os recursos tecnológicos possuem no processo de formação de estudantes, que é a falta de necessidades de haver uma linha de raciocínio mais ordenada, não é à toa que muitos educadores defendem seu

uso de forma cautelosa no ensino fundamental (LOCATELLI, 2011).

Na realidade, é muito comum que o estudante, ainda mais se tratando de uma criança, reproduza o texto ou a informação da maneira como a mesma é vista, e poucas são as vezes que é empregada o uso da letra cursiva, apenas quando está sendo transmitido o conteúdo na lousa (BARDIN, 2011).

Os recursos tecnológicos apresentam essa essência, de promoverem uma interação maior da alfabetização que os alunos precisam alcançar com o conteúdo propriamente escrita, todavia, também deixam de contemplar um viés histórico de grande relevância com o histórico da educação nacional que é a letra cursiva.

Barrucho (2011) também afirma que estudos revelam que no cérebro de crianças e adultos, a escrita de próprio punho provoca uma atividade mais intensa que a da digitação na região dedicada ao processamento das informações armazenadas na memória. E isso tem conexão direta com a elaboração e a expressão de ideias, pois o ato de escrever desencadeia ligações entre os neurônios na parte do cérebro que faz o reconhecimento das palavras, contribuindo para a fluidez da leitura, algo que segundo os estudos não ocorre com a atividade de digitação.

O fato é que o texto produzido em formato digital não diminui a qualidade produtiva do aluno, uma vez que é possível avaliar, mesmo no texto digitado, se o aluno foi coeso e coerente e se utilizou as características do gênero textual exigido. Nesse caso, o que muda é o suporte e não a função do texto, o modo como serve de suporte para que a criança consiga unir novas informações, nesse sentido, a letra cursiva possui um papel preponderante.

Porém, isso exige uma conexão maior do aluno com a síntese da palavra, ou seja, com o conteúdo que os mesmos se encontram desenvolvendo durante as práticas de atividade escritas, e que o receptor também compreenda com facilidade (CARVALHO, 2008).

Para o estudante, é sempre fundamental que haja uma relação entre o conteúdo e algo que faça parte da lembrança dos educandos, para que essa associação possa ser realizada de maneira mais dinâmica, fortalecendo o processo de ensino e aprendizagem.

A escola pública brasileira recebe crianças cada vez mais desprovidas de habilidades básicas para o desenvolvimento neuropsicomotor. Ensinar letra

cursiva despende tempo, o qual é precioso para ajudar essas crianças a adquirirem uma base alfabética sólida, que garanta o letramento, despende em sala de aula um tempo para ensinar a letra cursiva, como aprendemos, não é viável. Precisamos erradicar o analfabetismo, formar cidadãos capazes de discernir falsos cientistas, políticos, jornalistas, enfim, que usem de recursos tecnológicos que contribuam para seu crescimento. A letra cursiva hoje é Arte, não precisa ensinar uma criança a usá-la é fundamental ensiná-la a entender se será necessária para sua vida ou não.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo destacou aspectos positivos existentes em relação ao uso da escrita cursiva por parte dos educandos, isso em relação ao começo, ou melhor, seu início de processo de alfabetização.

Claro que se trata de um método que necessita ser trabalhado com tempo pelo educador, e isso em uma segunda etapa de seu processo de ensino, o ideal é que as crianças aprendam a manusear outros recursos, como lápis de cor, giz de cera, até que seja ofertada a possibilidade de se usar um lápis.

A escrita cursiva contribui para o desenvolvimento cognitivo das crianças, ainda que não se possa afirmar que exista alguma diferença em relação a outras formas de escrita, como a digitada, ou em sintonia com os recursos tecnológicos, em que as letras se encontram afastadas.

Essa contribuição diz a respeito da velocidade de raciocínio, que é algo fundamental, a coordenação motora e até mesmo a concentração e intensidade com que as atividades são realizadas.

Existe sim, a tendência que a escrita cursiva vá aos poucos desaparecendo, isso faz parte das mudanças sociais que ocorrem a todo o momento, e alteram o modo de vida das pessoas, e claro, que afeta diretamente as crianças e até mesmo a sua forma de escrever.

Entretanto, a escrita cursiva em nenhum momento pode ser considerada como arcaica, ou que não agrega valores aos educandos em seu processo de alfabetização, e a partir do momento que o aluno já se mostra como estando na posse da informação, compreendendo aquilo que está escrito e se fazendo

entender pelos demais que se encontram a sua volta, acaba não acarretando em alguma diferença a maneira com o que o mesmo escreve.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARRUCHO, Luíz G. **A mão ativa o cérebro**. Revista VEJA. 2227ed, ano 44, n 30, 27 de Julho de 2011.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 6º ed. São Paulo: Scipione, 1993.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a pratica**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COLLELO, S. **A escola que (não) ensina a escrever**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem escrita e alfabetização**. São Paulo: Contexto, 2012.

FERNANDES, Maria. **Os segredos da alfabetização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FERREIRO, E. & TEBEROSKY, A. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

HALL, S. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

JOLIBERT, J. **Além dos muros da escola: a escrita como ponte entre alunos e comunidade**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

KLEIMAN, Ângela. B. (Org.). **Os significados da escrita cursiva: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KUNZE, Bia. **O triste fim da escrita cursiva. 2011**. Disponível em: < <https://tecnoblog.net/71019/o-triste-fim-da-escrita-cursiva/> > Acessado em: 05 abr. 2021.

LEU, D. KINZER, C. K. **The convergence of Literacy Instructions with Networked Technologies for Information and Communication**. IN: *Reading Research Quartely*. Vol. 35, 1, International Reading Association, 108-127. 2015. (Tradução livre).

LOCATELLI, I. **Leitura e escrita 1º e 2º anos**. Caderno de Apoio Pedagógico.

Secretaria Municipal de Educação. Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 2011.

MORAIS, A. G. **Ortografia: ensinar e aprender na educação infantil**. São Paulo: Ática, 1998.

MORAIS, Artur Gomes. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

PICCOLI, L. **Práticas pedagógicas em alfabetização: espaço, tempo e corporeidade**. Erechim: Edelbra, 2012.

RIOS, Zoé; LIBÂNIO, Márcia. **Da escola para casa: alfabetização**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

ROJO, Roxane (Org.). **Alfabetização e letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento: caderno do professor** / Magda Becker Soares; Antônio Augusto Gomes Batista. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. 64 p. - (Coleção Alfabetização e Letramento).

SOARES, Magda. **Alfabetização infantil**/ 6.ed. 3* reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012.

SCHWARTZ, S.H. **O óbvio na relação pedagógica**. Porto Alegre: Revista Educação PUCRS. V.32, p.339 - 345, 2009.

VAL, Maria da Graça Costa. **O que é ser alfabetizado e letrado?** In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de (org.). **Práticas de Leitura e Escrita**. 1. Ed. Brasília: Ministério da Educação, 2006.